

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XVI Anno

II DE SETEMBRO DE 1893

Volume XVI — N.º 530



CHRONICA OCCIDENTAL

Setembro entrou e com elle a grande lufalufa dos banhos do mar.

Lisboa e o paiz inteiro não pensam agora se não em banhar-se! Os lisboetas molham se nos poços das barcaças, alastram se em colonias numerosas e ruidosas pelas praias do Tejo, as praias ao pé da porta, Pedrouços, Algés, Cruz Quebrada, Caxias, Paço d'Arcos, Oeiras, os mais elegantes vão até ao Estoril e Cascaes, os mais pacatos até á Ericeira, os mais misanthropos até Santa Cruz: os provincianos esses emigram em grandes caravanas para as praias de mais luxo, as praias afamadas de banho d'onda e de roleta permanente, Espinho, Figueira, Povoas, e a preocupação de todos os bons portugueses, desde Monsão até Tavira, é apenas uma só — o mergulho!

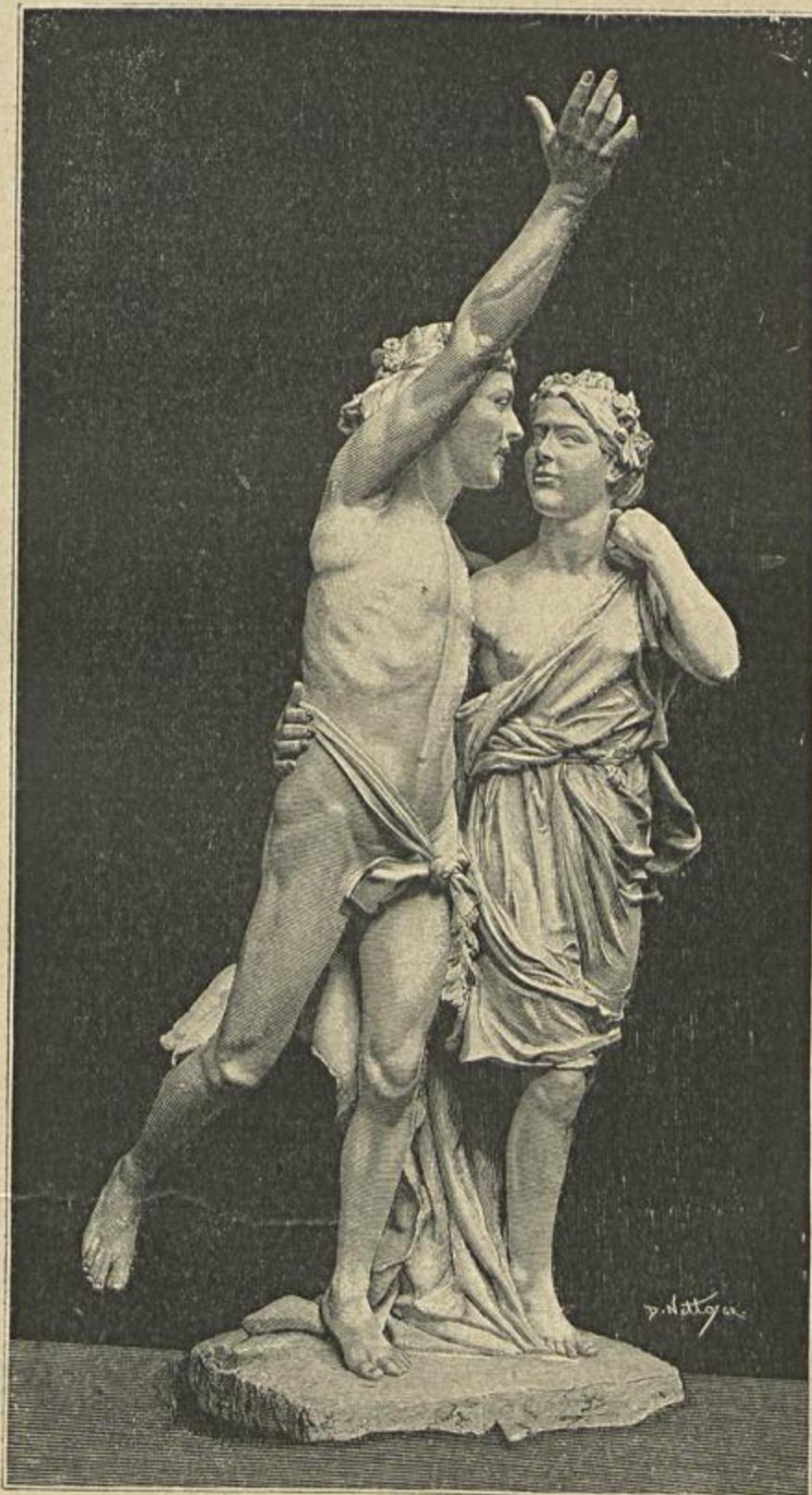
O mez mais insipido da capital é precisamen-te este mez de banhos, apesar de não ser já o mais quente nem o mais desagradavel de Lisboa, e isto explica-se perfeitamente.

Ao calor ha muito quem resista, mas á moda é que são raros aquelles que offerecem resistencia, e quem não tem dinheiro para andar no galarim do *high-life*, pagar as tres estações regulamentares, estação d'aguas, estação de campo e estação de banhos, sacrifica as duas primeiras e reserva-se para a ultima, aquella cuja moda é realçada e enraizada ainda para mais pela tradição.

Porque isto de banhos do mar já lá vem de traz e já quando eu era pequeno, ha quarenta annos, os medicos faziam andar os lisboetas n'uma dança á procura de agua para mergulhar, apenas chegava o mez de setembro.

N'esse tempo não havia ainda as barcaças para os modestos e para os pelintras,—a Barca

EXPOSIÇÃO DO «GREMIO ARTISTICO»



MOCIDADE, ESCULPTURA DO SR. ALBERTO NUNES,
DESTINADA A GALERIA D'ARTE DO SR. DR. BARAHONA FRAGOSO

(Cópia de uma photographia do sr. Camacho)

dos Toneis é muito posterior a essa data— não havia carros americanos nem comboios, e os banhistas de Lisboa tinham que ir todas as manhãs por ahí fóra até á praia da Torre, a mais concorrida por ser a mais perto, em traquitanas e em *mazombos*, uns carros soturnos e incommodos, para quatro pessoas, guiados á bolêa e balouçados em mo'as d'antigo coche, que depois passaram a ser utilizados pelo Lagoia para condução dos padres nos enterramentos e que mesmo n'esse serviço funebre já hoje desapareceram, quasi de todo, da circulação.

Lembro-me muito bem ainda d'essas carroagens: fui muitas manhãs a tremer de medo d'entro d'ellas até á praia da Torre, onde o Roque, um banheiro celebre do tempo, de barba loura tresandando a agua salgada e a aguardente, vinha buscar-me ao collo á barraca de lona e levava-me a chorar em altos berros para dentro d'agua, uma agua muito bem frequentada, por tudo o que havia de mais elegante e distincto na Lisboa d'então, a começar pela rainha a sr. D. Maria II, que ia com todos os seus filhos tomar todas as manhãs banhos a esta praia

A barraca real, uma grande barraca de lona, em forma de barraca de campanha, estava armada logo ao principio da praia, ao pé da Torre de Belem; mas o banho era descoberto e havia sempre uma grande roda de espectadores respeitosos, a verem nadar as senhoras infantas, então muito novas ainda, a sr.ª D. Marianna e a sr.ª D. Antonia e que nadavam muito bem.

Era um divertimento aristocratico o banho na praia da Torre, divertimento em que eu não me divertia nada, porque desde que o mez de setembro começava tinha permanente deante dos olhos a apavorante, a exotar-me toda a alegria, a visão terrivel do banheiro Roque a tresandar a aguardente e a agua salgada.

E não sei se foi d'essa visão pavorosa que eu

fiquei sempre embirrando com os banhos do mar.

O tempo foi passando, vieram os annos, vieram as barcas, e eu lá fui para ellas, mandado pelos medicos, mas muito contra vontade, e a vontade era tanto contra esse mandado, que no fim de tres ou quatro annos, deixei-me d'isso e mandei bugiar as ordens da sciencia.

O medico que então me tratava foi aos ares com essa minha desobediencia e preveniu-me categoricamente, que se eu não tomasse banhos do mar não dava nada por mim.

Não tomei, apesar da ameaça, que no fim de contas teve o seu *que* de verdadeira, mas um *que* em que elle não pensava, coitado!

Elle não pôde dar nada por mim, porque já ha muitos annos que lá está na terra de verdade, e eu cá estou na terra da mentira e dos banhos do mar, mas sem os tomar e sem sentir de modo nenhum a sua falta.

E penso que esta minha historia seria a historia de quasi toda a gente a quem os medicos ordenam os banhos do mar, sob pena de morte, se essa gente tivesse a coragem que eu tive, de arrostar com essa pena, porque conheço muitas pessoas que tomam banhos ha muitos annos por serem indispensaveis ao seu tratamento e que ha muitos annos estão sempre doentes da mesma maneira, e muitos que fizeram o que eu fiz, que se recusaram a cumprir a receita e que não se deram mal com isso.

Ora exactamente por eu ter ainda tão presente os banhos do mar da minha infancia e porque os banhos do mar são ainda hoje o acontecimento dominante do mez de setembro, tenho muita vontade de fazer uma viagem pelos sitios de banhos dos arredores de Lisboa, para lhes dar aqui uma chronica das praias. Tenho muita vontade e já dei alguns passos para isso, mas logo aos primeiros passos esbarrei n'uma coisa que veio acordar tambem as reminiscencias da minha mocidade e que me obrigou a estacar.

Essa coisa é a Feira de Belem.

Como ella está, coitada! e que saudades que me fez da feira de Belem dos outros tempos!

O que é feito das queijadeiras, que constituiam o principal atractivo e o principal commercio da Feira? A Lima, muito trigueira, muito falladora, com o seu marido muito delicado e de barbas grisalhas, á padre eterno, a Lima, com a sua barraca toda envidraçada, toda luxuosa, o clou da feira, com o seu piano, que então era ainda uma elegancia de sala, por que o salterio é que era o instrumento dos cafés da Mouraria, e com a concorrência de damas do *high life* e de rapazes do tom; a Emilia, uma queijadeira muito gorda com o cabelo muito preto, com a sua filha muito magra e de cabelo muito ruivo, e cuja barraca era o quartel general da burguezia pacata e as outras todas, porque n'esse tempo as queijadeiras contavam-se ás oito e ás dez n'essa feira em que actualmente ha apenas uma e d'uma pobreza franciscana?

E as quinquilharias?

Lembro-me ainda da barraca do allemão, em cujos bonecos se me iam os olhos todos os dias, e em cuja filha lindissima, a *allemoa*, como lhe chamavam, se iam os olhos de todos os elegantes que frequentavam a feira?

Hoje nada d'isso; barracas d'arraial; as queijadeiras substituidas pelos cafés de camareras, uma praga na feira, como são uma praga em Lisboa; os theatrinhos de fantoches substituidos por theatros com pretensões, onde as peças mal representadas levam uma noite toda a representar e por uma immensidade de barracas de figuras de cera muito mal feitas, com allusões mal consentidas aos crimes celebres da actualidade, o soldado Thomaz Ribeiro matando a mulher nos Covões, o assassino Lobo dando com a machadinha na cabeça do dr. Silva, scenas de horror, que despertam a gárgalhada, tragedias transformadas em farças, farças de que a policia não devia permittir que fossem personagens, aquelles desgraçados que da tragedia foram victimas!

Parece-nos que a policia empregaria melhor o seu tempo em olhar para estas coisas, do que em andar por Lisboa a fazer rusgas que não dão resultado nenhum, senão divertir o publico e dar thema nos jornaes para noticias humoristicas.

Não nos propomos agora a discutir aqui a questão importante da liberdade ou não liberdade do jogo d'azar. Entre nós o jogo é prohibido, como aliás o é em quasi todos os paizes mais civilizados da Europa, e uma vez que é prohibido, a policia tem não só o direito, mas tambem o dever de fazer cumprir a lei, mas é necessario que o faça a valer e sem excepções.

Que em Lisboa se prenda quem jogue, se apherenda o dinheiro e as mobílias das casas de jogo,

ao mesmo tempo que em todas as praias se está jogando livremente, de porta aberta sem a mais ligeira cerimonia e sem o mais pequeno incommodo é que não pode ser.

Se é crime jogar na rua do Arco de Bandeira, ou na rua de S. José, tambem é crime jogar em Espinho ou em Cascaes e então ou se castiga o mesmo crime em toda a parte ou em toda a parte se deixa impune: agora estar d'olho á lerta aqui, e ali d'olhos fechados, é que não nos parece equitativo nem justo.

A policia parece tambem agora empenhada em abrir campanha contra a licença nas ruas, campanha que immortalizou em França o senador Berenger; parece-nos muito bem isso, mas quanto que essa campanha seja proficua nos seus resultados e que não se limite a um apparatus, que em vez de reprimir a immoralidade a aggrave com o escandaio.

Estê assumpto da licença nas ruas tem muito que tratar, mas nem a indole do nosso periodico se presta a isso, nem o espaço de que podemos dispor hoje o permittia, porquanto vae longa já a chronica e não queremos terminal-a sem fazer um appello santo á generosidade, á caridade e á philantropia dos nossos leitores em favor dos nossos irmãos açorianos, feridos ha dias por uma enorme catastrophe.

*

No dia 28 do mez passado pairou sobre os Açores um terrivel cyclone que se fez duramente sentir na Terceira, no Fayal, Pico e ilha de S. Jorge.

Foram enormes os desastres, importantissimos os prejuizos causados por esse cyclone.

A imprensa de Lisboa reunida na noite de um do corrente nas salas das *Novidades* a convite da redacção d'esse jornal, nomeou uma grande commissão para angariar donativos para as victimas do cyclone.

Entre varios alvitres approvaram-se os de uma mensagem a Suas Magestades a Rainha D. Amelia e Rainha D. Maria Pia, pedindo o seu auxilio, pedido a que as augustas soberanas logo accederam, de se promover uma tourada no Campo Pequeno, tourada para que o sr. dr. Falcão offereceu já gratuitamente gado seu, em beneficio das victimas; uma recita de caridade e uma subscripção aberta por todos os jornaes, subscripção cujos donativos serão enviados ao nosso presado collega o sr. Brito Aranha, director ao *Diario de Noticias* e thesoureiro da commissão.

A Sociedade de Geographia tambem reuniu para o mesmo fim de angariar soccorros para os desgraçados açorianos, reuniões a que concorreram os deputados pelas ilhas.

O OCCIDENTE pede portanto aos seus leitores uma esmola para as victimas do cyclone dos Açores, e desde hoje está aberta n'esta redacção a subscripção a favor d'esses desgraçados.

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

AS TOIRADAS

ANTES DA CORRIDA

É um quadro a scena que a nossa gravura representa, quadro de grande animação como tudo que se relaciona com as toiradas, esse divertimento peninsular, mais querido do povo, por que elle mais se entusiasma.

Um dia de toirada em Lisboa, é um dia animado, em que logo de manhã se veem grande numero de trens a caminho da praça conduzindo os amadores que vão assistir á imbolação.

De tarde aquelle movimento de trens augmenta e muitos são ainda os amadores que vão a pé gozar a toirada, que premette ser soberba.

Se na toirada lidam artistas hespanhoes, o entusiasmo é ainda maior, a toirada tem mais attractivos.

As trincheiras e camarotes enchem-se de espectadores e é com verdadeira impaciencia que aguardam o momento em que começa a lide.

E, enquanto os espectadores, mais impacientes, gritam e batem com as bengalas fazendo um barulho infernal, clamando pelo começo do espectáculo, os lidadores da corrida preparam-se para o torneio, experimentando os seus cavallos, compondo melhor os seus vistosos trajes, ensaiando as poses com que devem dar entrada na arena, e

tudo isto no meio do entusiasmo dos seus admiradores e amigos, que se preparam para lhes fazer as ovações d'aquella tarde.

É uma scena d'estas que a nossa gravura representa, apanhada em flagrante pela machina photographica de um amator, e por isso com toda a verdade que o leitor entendido no assumpto bem pôde apreciar.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE APRECIADO PELOS INGLEZES

(Continuado do n.º antecedente)

III

No momento em que escrevemos, o telegrapho vem confirmar as nossas apreciações, trazendos-nos a noticia de um tremendo conflicto que se travou em Bombaim entre Mahometanos e Hindhús, conflicto em que arderam pagodes e mesquitas, em que de um lado e outro caíram victimas ás dezenas, e a que só poz termo com difficuldade e derramando sangue, a intervenção energica das tropas inglezas.

Era esta a situação da India no seculo XVI e tanto Albuquerque a comprehendia que a primeira coisa que fez foi enviar um embaixador ao rajah hindhú de Narsingha ou Vijayanagar, o mais poderoso da India meridional, que via comtudo o seu poder em perigo pelo estabelecimento de dynastias mahometanas no Dekkan, e a quem Albuquerque offerecia amizade e aliança. Para lhe mostrar a sinceridade do seu pensamento, dizia-lhe que tomara Ormuz e tinha em seu poder a direcção do commercio entre a Persia e a India, importante principalmente no ramo dos cavallos, e que não tinha duvida em ordenar que os cavallos só fôssem consignados para Batalalá (Bhatkal) ou qualquer outro porto do rajah de Vijayanagar, afim de não irem para o Dekkan, onde dominavam os Mouros seus inimigos.

*Desejava (Albuquerque), diz Morse Stephens, apresentar-se como destruidor do mahometanismo e libertador dos indigenas. Em troca d'este serviço, Portugal devia ter nas suas mãos o commercio da India com a Europa. *A attitude não é diferente da que foi adoptada pelos Inglezes 300 annos depois, e é uma notavel concepção para um estadista logo no principio do seculo XVI.*

A conquista de Goa é um acto que merece os mais entusiasticos applausos de Morse Stephens. O centro de um dominio europeu na costa do Malabar não podia ser mais bem escolhido. Fica a meio caminho entre Bombaim e o cabo Comorim, n'uma posição verdadeiramente central, n'um sitio independente e facilmente fortificavel, e tendo um porto de primeira ordem. Factos succedidos no seculo actual, dizemos nós agora, confirmam o acerto da escolha de Albuquerque. Hoje todos sabem que o porto de Mormugão é o melhor porto da costa occidental da India, que é o porto natural de sahida para os productos das mais importantes provincias d'aquella região da India, e que só a larga tradição commercial do porto de Bombaim, e as manobras das companhias de caminhos de ferro desejosas de conservarem a Bombaim o seu antigo monopolio, é que impedem que o commercio de toda a Peninsula afflua pelo novo caminho de ferro de Mormugão áquelle maravilhoso porto da India onde podem fundear esquadras de immensos navios.

Além d'isso Albuquerque escolhendo Goa para centro do poderio portuguez, fazendo d'ella uma cidade exclusivamente portugueza, não prejudicava senão um soberano mahometano. Esta cidade, cuja importancia era bem reconhecida em toda a India pertencera por muito tempo a varias dynastias hindhús, mas no principio do seculo XIV fôra conquistada pelo nababo mahometano de Horawar, a Oner das nossas chronicas. Em 1367 reconquistara a o rajah hindhú de Narsinga, e em 1472 cahira de novo nas mãos de Muhammad Shah, soberano mahometano de Dakkan. Por tal forma se regosijou este soberano com esta conquista que ordenara, segundo se lê em Ferishta que durante sete dias se tocasse a marcha triumphal.

Debalde tentaram os rajahs hindhús de Belgaum e de Narsingha retomar a cidade, que, além de tudo o mais, era agora centro do importantissimo commercio de cavallos com a Persia, commercio que os Portuguezes depois lhe conservaram e desenvolveram. Houve porém sérias discordias no reino de Dekkan. Yusaf Adil Shah, filho do sultão dos Turcos Ottomanos Amurat II, joven principe que tivera uma romanesca existencia, entrou n'essas luctas, e fundou o novo reino

de Bidjapur, a cujo quinhão coube a importantíssima Goa. Este Adil Shah é o mesmo que os nossos chronistas chamam *Hidalção*, e o nome de Sabaio que também lhe outorgam não tem a origem que lhe attribuem nem o sr. conde de Ficalho no seu *Garcia da Orta e o seu tempo*, nem o auctor d'este artigo na sua *Historia de Portugal*. Quando subiu ao throno, o famoso Mahomet II, conquistador de Constantinopla, os irmãos do novo soberano fôram todos assassinados. Este, filho de Amurat II, e por conseguinte irmão também de Mahomet, ia ter a mesma sorte, quando sua mãe o salvou, entregando-o para ser criado e educado a um negociante de Sava na Persia. D'ahi veio, quando elle passou para a India, o ser conhecido pelo *Savai*, quer dizer, homem originario de Sava, e d'ahi o nome de Sabaio pelo qual os Portuguezes o conheceram.

Dá conta depois Stephenes das duas conquistas de Goa, e narra sem a louvar, é claro, a crueldade com que Albuquerque mandou passar ao fio de espada a população mahometana de Goa. O que exalta porém com enthusiasmo é a habilidade com que Albuquerque aproveitava as disensões entre os seus adversarios. Conhecia a profunda divisão que existia entre os mahometanos, sendo as Persos Shiahs e os Turcos e Mameiukos Sunnis. Não tomou partido por uns ou por outros, apenas fez sentir ao shah da Persia n'uma embaixada que lhe mandou, que o rei de Portugal estaria prompto a auxiliá-lo n'uma campanha contra o sultão do Cairo, mas quando Ismail, o shah persa lhe pediu que fizesse proclamar em Goa a forma Shiah da religião mahometana esquivou-se a responder-lhe.

Morse Stephens dá também uma breve noticia do modo como os historiadores indigenas contaram a tomada de Goa. E' interessante a traducção d'esse trecho.

«Além d'isso, diz o Sheikh Zin-ud-din, author do *Tohfut-ul Mujahideen*, tendo os Frankos principiado as hostilidades contra os habitantes de Goa e capturado essa praça, trataram de tomar posse d'ella. Esse porto era um dos que pertenciam a Adil Shah (paz aos seus restos!); não obstante isto, em tudo, os Frankos, tendo-se assenhoreado d'elle, escolheram-n'o para sede do seu governo da India, tratando de exercer dominio sobre elle. Mas Adil Shah, atacando estes intrusos, repeliu os fazendo a seu turno d'esta cidade um ponto de concentração para o Islamismo. Sobsequentemente os Frankos (amaldiçoados sejam!) fizeram preparativos para um segundo ataque sobre Goa, e, caminhando contra ella com vasto armamento, e assaltando-a, afinal tomaram-na. Diz-se comtudo que ganharam pela corrupção os seus interesses alguns dos seus principaes habitantes, e n'esse caso a sua tomada não foi façanha de muita difficuldade; e os Frankos, reobtendo assim posse de Goa, apressaram-se a construir em torno d'ella extensas fortificações de grande altura. Depois de terem adquirido esta praça, o seu poder augmentou immensamente, trazendo-lhe cada dia algum accrescimento; porque tal é a vontade do Senhor que dá e tira como lhe apraz.»

E' também opinião de Morse Stephens, que a occupação de Goa assegurou de um modo notavel o dominio portuguez na India e lhe attrahiu muitas annuancias, que nenhuma razão tinham os conselheiros de D. Manuel, que lhe inspiravam a revogação d'esse grande acto de Albuquerque, e que a tenacidade com que Albuquerque, procurou tomar a cidade, e, depois de tomada, defendel-a, não faz senão provar a alteza d'aquelle espirito, porque a conquista e conservação de Goa foi talvez o acto mais importante da sua politica, e, terminando um dos seus capitulos, diz a respeito de Goa estas palavras magnificas:

«Goa, tornou-se a sede dos vice-reis e governadores da India portugueza; a sua riqueza passou em proverbio; e, posto que a gloria da Aurea Goa durasse apenas um seculo, foi ella durante esse seculo uma das mais esplendidas cidades que existiram na face da terra.

Pinheiro Chagas.

INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGUEZAS

XI

A CONGREGAÇÃO DO ORATORIO (Conclusão)

Antonio Alvares, engenheiro subtil e atilado. Na sua Orthographia da lingua latina revela copiosa erudição. Foi oratoriano de grande merecimento e muito elogiado pelos seus trabalhos litterarios.

Antonio Joaquim, estudioso oratoriano, auctor do valioso livro *Vida de S. Francisco de Sales*.

Francisco Recreio, a quem os constitucionaes

muito devem, mas que foi varão muito erudito, socio da Academia Real das Sciencias e seu bibliothecario.

José Maria de Mello, que foi bispo do Algarve e inquisidor geral e confessor da rainha D. Maria I. Este tinha mais de jesuita que oratoriano porque era fanatico. Talvez que a elle se deva o estado de alienação em que entrou a rainha. Como escriptor foi de primeira plana em correcção de linguagem.

Padre Vicente Ferreira encarregado do calendario feito pela congregação: *Diario Ecclesiastico e Civil para o reino de Portugal ou Folhinha de algibeira*; mais tarde transformado em *Almanach Familiar*.

Padre Manoel Domingues Leitão, mestre em Artes, doutor em Canones e lente da universidade de Coimbra, desembargador da Relação do Porto e vereador do Senado de Lisboa.

Entre os alumnos do Collegio das Necessidades conta-se Francisco Manoel Trigoso d'Aragão Merato, homem de robustissimo talento e brilhantes dotes oratorios e que exerceu altos empregos.

E mais os padres Joaquim de Foyos, Clemente Alexandrino, Valentim Bulhões, João Baptista e tantos outros que deram lustre ás letras lusitanas.

José Feliciano de Castilho. Barreto de Noronha ao traçar a biographia do grande poeta Manoel Maria Barbosa du Bocage diz, a pag. 102 e 103 do tomo VII da *Livreria Classica* ao referir-se aos padres oratorianos: — «aquella Congregação foi sempre respeitada como associação tão venerada por sua piedade e religião quanto pela sua superior cultura de sciencias e letras.»

Abençoada Congregação de padres que com tanto brio se soube compenetrar dos seus deveres e retribuir tão prodigamente o auxilio que os nossos reis lhe deram enriquecendo, durante o longo cyclo de 166 annos a litteratura patria com tantos padrões monumentaes do seu saber, que põem bem em relevo os serviços assignalados que ella prestou na sua incansavel sollicitude, e no seu fervoroso zelo pela prosperidade nacional.

Silva Pereira.

Poesias diversas

TEXTO

ANACHEONTE

(Traducção do V. de Ant. Fel. de Castilho)

METAMORPHOSES DE CUBIÇAR

Fez-se Niobe em pedra, e Philomela em passaro.
Assim
Folgaria eu também me transformasse Jupiter
a mim.
Quizera ser o espelho, em que o teu rosto placido
Surri;
A tunica feliz, que sempre se está proxima
de ti;
O banho de crystal, que esse teu corpo candido
contem;
O aroma de teu uso, e d'onde effluvios magicos
proveem;
Depois esse listão, que do teu seio turgido
faz dois;
Depois... de teu pescoço o rosicler de perolas;
depois...
Depois... ao vêr-te assim, unica, e tão sem emulas,
qual és,
Até quizera ser teu calçado, e pisassem-me
teus pes!

NO CAMPO SANTO

Correi, correi, correi, lagrimas silenciosas,
Triste encanto da dôr, consolação pungente!
Só vos possuio agora, oh joias dolorosas...
Ide pois adornar o tumulo silente
Onde jaz meu menino e dorme eternamente.

Ide, oh! pranto de amor ardente e angustioso,
Convulsivo prazer de uma alma desvairada,
Espalhai vos ligeiro, ethereo e carinhoso
Sobre o corpo gentil da creatura amada,
Que sobre o lyrio morto espalha-se a orvalhada.

Gottejai devagar sobre o sepulchro algente
Que encarcera o menino, o meu pequeno amigo...
Atravessai a louze — ide amorosamente,
Como o olhar do Senhor que vê gerar o trigo,
Mais feliz que seu pae, vê-lo no seu jazigo.

Derramai a seus pés da minha acerba vida
A tremenda saudade e as ancias fervorosas,
E sobre aquella bocca out'ora enriquecida
De beijos maternas e palpitantes rosas,
Correi, correi, correi, lagrimas silenciosas.

Luiz Guimarães.

CANTIGA

Nunca foi mal nenhum mór,
Nem no ha hi nos amores,
Qu'a lembrança do favor
No tempo dos desfavores.

Eu por minha má ventura,
Não ha já mal que não visse;
Mas nunca tanta tristura
Me lembra qu'inda sentisse.

Fui e sou grande amator,
E vai-me bem mal d'amores;
E muitos vi de gran dôr,
Mas este, summa das dôres.

Bernardin Ribeiro.

VERSIONE

DESIDERIO DE METAMORFOSI

Niobe o Filomena in pietra e augel mutáronsi.
Ed è
Mutanza equal che Giove avrebbe da promuovere
in me
Ésser vorrei lo specchio ove appar la tua splendida
beltá;
La tnnica che ognora a te cotanto prossima
si sta;
Il bagno cristallin, che il tuo corpo sì candido
contien;
L'aroma che ti serve, e donde effluvio magico
provien;
Poscia quel solco bel che del tuo seno turgido
fa due;
Poi quel ricco collar ch'orna il tuo collo eburneo;
Più...
Bramerei... nel vederti ed unica, senza emule,
Affé!
Essere il tuo calzare, e che mi conculcassero
Tuoi pié!

NEL CAMPOSANTO

Scorri, oh sí! scorri ognor, lagrima silenziosa,
Triste incanto del duol, consolazion pungente!
Te sol possego adesso, o gioia dolorosa...
Vanne dunque ad ornare il tumulo silente
Dove il fanciul mio giace e dorme eternamente.

Vanne, o pianto d'amor ardente ed angustioso,
Convulsivo piacer d'un'alma appassionata,
Va, e spárgiti leggiro, ethereo ed affettuoso
Sopra il corpo gentil della creatura amata,
Come su morto fior rugiada si dilata.

Gócciola lento assai sopra il sepolcro algente
Che imprigiona il mio amico il caro garzoncello,
Penétra oltre il coperchio, e va amorosamente,
Come Dio sbuciar vede il tritico novello,
Va a vedé-lo tu sol deposto nell'avello.

Deponi ai piedi tuoi dell'acerba mia vita
Il tremendo ricordo e l'ansia fervorosa,
E sopra quella bocca un di tanto arricchita
Di baci maternali, e in cui ridea la rosa,
Scorri, oh sí, scorri ognor lagrima silenziosa.

CANZONCINA

Non ci fu mai mal maggiore,
Né s'incontra negli amori,
Come é il pensare ai favori
Nel tempo dei disfavori

Giá per mio destin fatale,
Non c'è mal ch'io non scopriessi;
Ma non mai tristezza tale
Mi rammenta ch'io sentissi.

Fui e son grande amator,
Pur mi cruccian ben gli amori;
Se diér molti un gran dolor,
Vince il mio tutti i dolori.

Prospero Peragallo.

EXPOSIÇÃO DO "GREMIO ARTISTICO"



SÉ DO FUNCHAL,
AGUARELLA DO SR. NORVACK

(Cópia de uma photographia do sr. Camacho)

A EXPOSIÇÃO DO «GREMIO ARTISTICO»

(Concluido do n.º 527)

Ainda mais algumas palavras para concluirmos esta nossa notticia sobre a exposição do *Gremio Artistico*, e vamos a aviar antes que a 4.ª exposição se abra com a volta das andorinhas, que não vem longe, e a primavera florida com as suas côres brilhantes como *As flôres* quadro do sr. Antonio Ramalho que contemplamos agora.

As flôres tem toda a belleza e colorido, em que abunda a paleta de Ramalho, assim fose bella a dama que o artista pintou com estas flôres como que a fazer centro ao *bouquet*.

Devemos confessar que n'este quadro gostamos muito mais do ideal do artista do reino vegetal do que do seu ideal do reino animal.

Isto, porém, não é novo nos nossos artistas, cujos ideaes de belleza femenina são, em geral, de uma fealdade de desmamar crianças.

No seu quadro *Serão*, de um colorido brilhante

e de bem achado effeito de luz, poderemos notar tambem a ausencia de belleza n'aquelles rostos femeninos, talvez demasiado realistas pela trivialidade, o que não impede de apreciarmos o quadro como um dos melhores, senão o melhor de genero que se vê na exposição.

E' tambem superiormente pintado e desenhado o seu quadro *Estudante*. Uma bella cabeça que retrata um escriptor conhecido e que está fielmente reproduzida pelo pintor, com a vida e sentimento que faz o desespero da mechanica photographia.

Expõe ainda o sr. Ramalho mais alguns retratos de senhoras, de homens e de crianças, todos de boa factura, mas de que não podemos avaliar a semilhança por não conhecermos os originaes.

Ainda mais um quadro *Praia da Boa Nova*, que nos pareceu fraco, recordando-nos de outros

quadros d'este genero do sr. Ramalho muito melhores.

E, em retratos não deixaremos de notar um pintado pelo sr. Marques Guimarães, professor da Academia Portuense de Bellas Artes e que o expõe com o titulo *Retrato de minha mãe*. E' de uma grande tranquillidade de tintas e suavidade de tons este bello retrato, que nos faz lembrar os bellos retratos de Coelho o celebre pintor portuquez do seculo XVI (!).

O sr. Marques Guimarães foi muito mais feliz n'este retrato do que nos seus quadros *Campo 24 de Agosto* e *Peras portuquezas*. A pobreza do assumpto e a frieza da côr, fazem lamentar que o illustre professor empregasse tão mal o seu tempo em coisas tão vulgares, que não conseguiu salvar da bana idade.

Mas se o sr. Marques Guimarães se occupou



O SERÃO — QUADRO DO SR. ANTONIO RAMALHO

(Cópia de uma photographia do Sr. Camacho)



AFFINANDO — QUADRO DA EX.ª SR.ª D. EMILIA SANTOS BRAGA

(Cópia de uma photographia do sr. Camacho)

com estes modestos assumptos, tendo folgo para mais arrojadas obras, não faltou arrojo ao sr. Almeida e Silva, ex-alumno da Academia Portuense de Bellas Artes, para se abalançar a pintar uma *Mater Dolorosa*, que effectivamente faz dó vel-a tão rebaixada á triste condição de uma cosinheira a que se lhe queimou o refogado.

Não valeu á Virgem toda a poesia da lenda que a envolve, para ser assim tratada tão prosaicamente.

Que a Virgem como mãe de misericordia, lhe perdoe o attentando, pela ingenuidade da intenção com que foi commettido, porque, em fim, é de suppor que alli não houvesse maldade.

E se fossemos a desfiar os quadros que o sr. Almeida e Silva mandou a esta exposição, teriamos de quebrar o proposito que fizemos no principio d'esta noticia, de que deixariamos em silencio as obras que seus auctores fôra melhor não terem exposto a publico.

Pouco mais temos a dizer da exposição de pintura.

(!) Affonso Sanches Coelho, nasceu em Portugal no anno de 1515 Estudou em Roma, onde foi discipulo de Raphael e depois veio para Hespanha onde trabalhou com Antonio Moro, celebre pintor hespanhol Passados alguns annos voltou a Pórtugal.

Mais tarde a princeza D. Joanna, irmã de Filippe II, instou para que elle fosse para Madrid occupar dignamente o logar de Antonio Moro pintor da côrte.

Alli pintou dezessete retratos de pessoas reaes e no Escorial existe um magifico quadro seu representando S. Sebastião. Foi muito considerado por Filippe II e pelos papas Gregorio XIII e Xisto V.

Em Hespanha era conhecido pelo nome de Alonso Sanches e uma sua filha D. Izabel Sanches Coelho, foi insigne retratista.

Affonso Sanches Coelho morreu em Madrid, em 1590 com 75 annos de idade, deixou grande riqueza e fundou uma casa pia em Valladolid. Era cavalleiro de Christo e de outras ordens estrangeiras.

Não terminaremos, porém, sem notarmos os quadros de uma senhora, discipula do sr. Malhõa, que se distingue muito vantajosamente entre o grande numero de amadores e estudantes de pintura que concorreram a esta exposição.

E' a ex.^{ma} sr.^a D. Emilia Santos Braga que expõe quatro quadros incluindo um *Estudo*.

Affinando é um dos quadros que mais se distingue; pintado com largueza e certa correcção, é sobrio de côres, sem fraqueza nem monotonia. Menos empastado de tinta seria talvez mais limpido no tom que é um tudo nada sujo.

Este abuso de tinta assentua-se mais ainda no seu quadro *Margarida*, em que pertende á força de tinta conseguir uns reflexos de setim branco ou coisa parecida na vestido da sua Margarida, e o que notamos no setim do vestido notamos tambem no setim da pele, que não alcança a finura d'aquelle typo ideal que a auctora quiz criar na sua tela.

O seu quadro *Boas Navas* resgate-se um pou-

co que expoz uns bustos e medalhões; o sr. Motta, um busto e uma estatueta. *A volta da fonte* muito graciosa repara que caminha com a sua bilha á cabeça, bem modelado e bem escolhido modelo que o escultor aproveitou com verdadeira arte.

O sr. Rato Junior expoz bustos bem modelados.

E o sr. Alberto Nunes um grupo *Mocidade*, modelo em gesso para ser executado em marmore para a galeria do ex.^{mo} sr. dr. Barahona Frago.

Este grupo não nos pareceu que fosse das obras mais felizes do distincto escultor, que aliás tem de ha muito feito os seus creditos.

A figura da mulher não é de formas irrepreensíveis, consequencia da má escolha de modelo ou impossibilidade de encontrar outro melhor.

O modelo do homem é mais correcto, o que salva o grupo que é aliás gracioso e não deixa de ter a mocidade consoante o titulo que o seu auctor lhe deu.

Gravura em medalhas, pelo sr. Maia e Pintura

o medico uma carta que o doente lhe dirigira da quinta onde vivia.

Abriu-a.

Estava escripta em lettra muito miudinha, e pela assignatura viu que era toda do punho do seu cliente.

A carta dizia:

«Meu caro doutor:

«Não quero deixal-o nem á sciencia medica na duvida com respeito ao mal singular que me atormenta e me ha de levar á sepultura... e mais longe ainda.

«Vou descrever-lhe, desde o começo, a origem da minha terrivel doença. Ha oito dias manifestou-se novamente, e não quero lutar mais com ella. Agora mesmo não poderia traçar estas linhas se me não tivesse lembrado de pôr sobre a parte sensível um pedaço de isca accessa, á maneira de



AS TOIRADAS — NA PRAÇA DO CAMPO PEQUENO, ANTES DE UMA CORRIDA Á HESFANHOLA

(Cópia de uma photographia)

co do defeito que acabamos de apontar, porque é muito mais fresco nas carnações, muito menos maceradas, sendo o tom geral do quadro de grande harmonia.

E temos dito da pintura o que na nossa fraca opinião entendemos, deixando aos criticos das *symphonias cor de rosa* (sic) o prazer de guardar para si a critica do restante.

Na aguarella apenas exposeram os srs. Sezinando Ribeiro Arthur, Roque Gameiro, Martinez, Adolpho Rodrigues e Hans Norvack, professor da Escola Industrial Antonio Augusto de Aguiar do Funchal.

As aguarellas que mais nos agradaram foram as do sr. Roque Gameiro e as do sr. Norvack.

A da *Sé do Funchal* d'este sr. é uma das melhores, e foi adquirida por El-rei o sr. D. Carlos.

Em Guacho apenas se apresentou o sr. Sobral com um pano de leque e em Pastel a ex.^{ma} sr.^a D. Josepha Greno, com umas *Papoulas*.

Em desenho a *crayon* exposeram os srs. Eduardo Burnay, Condeixa e Wauthélet uns estudos um tanto collegiaes que não tinham muito que ver n'aquelle lugar.

A escultura estava representada pelo sr. Ful-

ceramica pelo sr. Loureiro tendo merecido uma das pinturas d'este sr. uma mensão honrosa.

A gravura em Madeira tambem ali teve o seu lugar, com algumas provas que o sr. Diogo Netto, discipulo do gravador sr. Caetano Alberto ali expoz.

São trabalhos muito apreciaveis e que mostram bem os progressos que a arte de gravura em madeira tem feito em o nosso paiz.

E dando por findo a nossa tarefa, esperamos nos seja relevada qualquer apreciação menos justa que fizemos segundo a nossa consciencia e modo de ver, mas sem parcialidade nem intenção de milindrar ninguem.

Unicamente questão d'arte e mais nada.

Xylographo.

O BEIJO

(CONTO DE M. JOKAIS)

III

(Concluido do numero antecedente)

Algumas semanas decorreram. Um dia recebeu

cataplasma; em quanto se não apaga, apenas sinto a dôr da queimadura, e esta, comparada com a outra, é quasi agradável.

«Ha seis mezes era eu um homem feliz; vivia dos meus rendimentos, sem trabalho nem cuidados; estava em boas relações com toda a gente e gosava de quanto pôde gosar um homem de trinta e cinco annos. Casara-me, havia um anno, por amor, com uma menina formosa, de talento cultivado e de coração ingenuo, que estava como mestra em casa de uma senhora titular, minha vizinha. Era pobre e amou-me, não só por gratidão, mas tambem por um sincero sentimento de amizade. Passaram seis mezes e eu cada vez mais amava e cada dia julgava ser mais feliz que na vespera. Quando tinha que ir a Pesth e abandonar a casa por um dia, minha mulher não descansava, não estava tranquilla em quanto me não via de volta, e ia esperar-me ao caminho, duas leguas distante da quinta. Se os negocios me prendiam, e não podia regressar no mesmo dia, não se deitava e passava a noite de vela a esperar-me. Se á força de instancias conseguia que ella fosse visitar a condessa, sua antiga senhora, que continuava a estimal-a entranhavelmente, não havia

poder humano que a fizesse estar mais de meio dia longe de mim, e a idéa de me não ver amargava-lhe todos os demais prazeres. Amava-me tanto, que se deu o caso de não querer dançar com pessoa alguma por não ter que dar a mão a um estranho ou deixar-se por um estranho estreitar, e nada lhe desagradava mais que ver-se obrigada a ouvir as amabilidades que lhe dirigiam a cada passo. Em uma palavra, tinha por mulher um anjo innocente que só em mim pensava, e só para mim vivia, e me confessava como crimes enormes os seus sonhos, quando não sonhava commigo.

«Não sei que demonio um dia me segredou: E se tudo isso fosse apenas dissimulação e hypocrisia? Os homens são tão doidos que só estão satisfeitos quando buscam um tormento no meio da sua maior ventura.

«Minha mulher tinha uma caixa de costura que fechava á chave, sem que nunca lhe esquecesse deixal-a aberta, nem eu pudesse ver o que ella continha.

«Que guardaria alli? O desejo de sabel-o não me deixava um momento de repouso. Perdi a cabeça. Não acreditava nem na innocencia do seu rosto virginal, nem na castidade da sua frente, nem na pureza dos seus olhares, nem nas suas caricias, nem nos seus beijos. Não seria tudo isso dissimulação e hypocrisia?

«Uma manhã veiu a condessa convidal-a para ir passar o dia com ella na sua vivenda, que distava algumas leguas da nossa. Acceceu a muitos rogos da sua amiga e havendo obtido de mim a promessa de que lhe faria companhia de tarde e a traria á noite commigo.

«Logo que a carruagem sahiu do pateo, reuni todas as chaves de casa, e fui experimental-as na fechadura da celebre caixa. Servia uma d'ellas. Eu estava como o homem que commette o seu primeiro crime. Era um ladrão que ia surpreender os segredos de uma pobre mulher. Tremiam-me as mãos ao tirar cuidadosamente os objectos que existiam na caixa, para que ninguem pudesse perceber que alli mexera algum. Tinha o coração opprimido... abafava... De repente, debaixo de uma porção de rendas, sentem as minhas mãos um maço de cartas. O sangue affluu-me ao coração e subiu-me á cabeça... Eram d'essas cartas que para conhecel-as basta um olhar. Eram cartas de amor!

«O maço estava atado com uma fita de seda azul.

«Ao tiral-o occorreu-me a idéa de se era honroso, se era proprio de um cavalheiro, de um homem honesto violar d'aquelle modo os segredos de uma mulher, segredos de quando estava solteira. Podia eu pedir-lhe contas dos seus pensamentos antes de pertencer-me? Podia eu ter ciúmes de um tempo em que me não conhecia? Quem ousaria suspeitar d'ella?... Eu, só eu fui o culpado. O demonio tornou a segredar-me phrases de sacrilega desconfiança: E se essas cartas fossem de quando eu já tinha direitos sobre ella, de quando até os seus sonhos me pertenciam, de quando era minha? Desatei a fita. Ninguem me viu. Não havia alli nem sequer um espelho em que me visse e cósasse. Abri uma carta, logo outra, em seguida outra, e li-as todas até o fim...

«Que horas de dór e loucura!...

«Que vi n'aquellas cartas? A mais vil traição de que um homem pode ser victima. Quem as tinha escripto era um dos meus amigos mais intimos. E que phrases, que paixão, que amor, que certeza de ser amado também! E todas aquellas cartas eram da epocha mais feliz da minha vida; começavam a datar quasi da minha lua de mel! Seria impossivel exprimir o que senti ao lê-las. Só pôde comparar-se a embriaguez causada por um veneno mortal. Bebi d'esse veneno até saciar-me. Li todas as cartas, li-as todas. Tornei a atal-as com a mesma fita azul, pus o maço debaixo das rendas e fechei a caixa.

«Sabia que não indo ter com ella ás duas horas depois do meio dia, voltaria de tarde. Assim succedeu. Apeou se do carro precipitadamente para vir abraçar-me com effusão; parecia estar doída de alegria, porque tornava a ter-me ao seu lado. Eu fingi não saber nada. Conversámos um pedaço, ceámos juntos, e logo cada qual se retirou ao seu quarto. Não pude pregar olho. Accordado, não tinha um momento de descanso na minha agonia; contava os minutos com impaciencia. Ao dar uma hora levantei-me e dirigime ao seu quarto. Dormia. A sua loura e adorada cabeça repousava meio sumida na branca almofada, como a dos anjos de Murillo entre claras nuvemzinhas. Tanta belleza, tanta innocencia occultavam no seio tanto e tão torpe vicio, tanta e tão vil traição!... Mas estava resolvido. O veneno corroera-me a alma.

«Brandamente, com tento, pus lhe a mão direita no pescoço, e apertei com força. Ella entreabriu as longas pestanas, mirou-me assombrada com os seus meigos olhos azues, tornou-a fechal-os e aiorreu. Morreu sem defender-se de mim, morreu como se adormecesse ao arrullo das minhas caricias. Dos labios sahiu-lhe uma gotta de sangue e cahiu-me na mão. O doutor sabe aonde. Só a vi no dia seguinte, quando já estava secca. Enterramos a infeliz sem que ninguem suspeitasse a verdade do que occorrera. Vivia na solidão. Quem se metteria a averiguar?... Ella não tinha parentes nem protectores que me interrogassem, e eu de proposito expedi com atraso os convites para que os meus amigos não pudessem chegar a tempo.

«Ao voltar da capella não sentia o menor remorso. Eu fora cruel, ella porém tornara-se credora de muito mais. Não odiava. Podia esquecel-a. Mal pensava no que tinha feito. Nunca homem nenhum commetteu um assassinio com menos remorsos que eu.

«A condessa esperava-me em minha casa. Tomara eu tão bem as minhas medidas, que também ella chegou tarde ao enterro. Quando a saudei, estava muito agitada. O terror, a sympathia, a dór, não sei emfim que especie de sentimentos a sua alma alimentava, que mal pôde dirigir-me algumas palavras de conforto no meio da maior perturbação.

«E acaso a ouvia eu? Não tinha necessidade de consolação; não sentia a sua morte. Por ultimo pegou-me familiarmente na mão e disse-me a meia voz que tinha um segredo a confiar-me e contava com a minha honra de cavalheiro para saber que não abusaria d'elle. A condessa dera a guardar a minha mulher um maço de cartas e vinha pedir-m'as. Em quanto me explicava o fim da sua visita senti duas ou tres vezes correr-me todo o corpo um frio mortal, e os cabellos eriçaram-se-me. Com fingida indifferença perguntêi-lhe pelo conteúdo das taes cartas. A condessa, sobresaltada, respondeu com impeto:

—«Sua esposa foi mais generosa que o senhor. Quando se encarregou de me guardar essas cartas não me perguntou o que diziam. Ainda mais: deu-me a sua palavra de que nunca as leria, e estou certa de que a soube cumprir.

—«Pois bem, repliquei; como é esse maço?

—«Está atado com uma fita de seda azul.

—«Vou ver se o acho.

«Peguei nas chaves de minha mulher e pus-me a procurar as cartas, por mais que soubesse perfeitamente onde estavam. Passado um pedaço fiz como que dera por fim com ellas.

—«E' este? disse, apresentando o maço á condessa.

—«É, é. Vê? é o mesmo nó que eu dei. Nem lhe tocou.

«Não me atrevi a levantar os olhos. Temia que n'elles se me descobrisse o crime. Despedi-me bruscamente; ella metteu-se no trem e partiu. Depois não sei que fiz. Quando recobrei a consciencia dos meus actos, das minhas idéas e da horriavel realidade, achei-me na abobada mortuaria, ao lado do feretro. Não estava tão doido que quizesse resuscital-a mas ao menos queria falar-lhe. Pareceu-me que me ouviria.» Se me amavas em vida, se me amas ainda depois de morta, concede-me o vingar-te de mim n'este mundo. Não guardes a vingança para o outro. Faze-me padecer agora, atormenta-me, mata-me.» Assim falava eu na minha insensatez áquelles frios despojos.

«De repente adormeci, ou, por melhor dizer, desfalleci; o certo é que sonhei. Vi a tampa do caixão abrir-se lentamente e a morta erguer-se a pouco e pouco sem ruido. Eu estava alli, reclinado no chão, mais rigido que o proprio cadaver, com uma mão apoiada no feretro e a outra nas lages. Os labios da morta estavam pallidos e d'elles pendia uma gotta de sangue. Inclinou-se pausadamente sobre mim, abriu os olhos, como quando morreu, e beijou-me na mão direita. O seu sangue tornou a manchar o mesmo sitio que antes... Fechou os olhos, reclinou a cabeça nas frias almofadas, e a tampa do ataude cahiu vagarosa e silenciosamente.

«Pouco depois accordei aos impulsos de uma dór aguda como a que me poderia causar a picada de um escorpião. Sahi a respirar o ar livre. Era muito de manhã; ninguem me tinha visto. A gotta de sangue desaparecera; a dór não se manifestava por nenhum symptoma exterior e contudo o sitio onde estivera a nodoa ardia me como se o corresse um veneno infernal. Augmentou a dór de hora para hora sem me dar um momento de allivio. As vezes conseguia adormecer, mas até em sonhos tinha consciencia do meu mal. Não podia queixar-me a ninguem, nem haveria ninguem que pudesse acreditar na minha doença. O doutor viu

os meus soffrimentos e sabe quanto me alliviaram as duas operações. Mas, á medida que a ferida cicatriza, vai reaparecendo a dór, e eu já não tenho forças para resistir nem para lutar. Dentro de uma hora terei morrido. Uma cousa ha que me consola; é que já que *ella* se vingou aqui, na terra, ao menos, talvez, me perdoe no céu. Muito agradeço, doutor, por todos os seus favores; que Deus lh'os tenha em conta.»

IV

Poucos dias depois correu que S..., um dos mais ricos senhores da Hungria fizera saltar os miolos. Uns attribuiam o suicidio ao desgosto que lhe causou a morte de sua mulher; outros, que diziam estar melhor informados, a uma ferida incuravel. Por ultimo houve também quem dissesse que estava possuido de uma singular monomania que lhe fazia crer que tinha na mão uma chaga incuravel e invisivel, mas que em realidade a chaga só existia na sua imaginação.

Francisco de Almeida.

OS ALBERGUES NOCTURNOS DE LISBOA

A EMIGRAÇÃO

Recebemos ha dias o IX Relatorio dos Albergues Nocturnos de Lisboa, correspondente ao movimento d'esta instituição nos annos de 1891 e 1892.

Este relatorio, como os precedentes, elaborado pelo nosso illustre amigo o sr. Conde de Valençã, é um livro sempre valioso, não só pelos dados estatisticos que offerece para a vida economica do paiz mas ainda pelas judiciosas considerações que faz sobre o estado social, encontrando-se sempre n'estes relatorios muito que aproveitar para o estudo das questões economicas e sociaes que preocupam o paiz.

No relatorio a que nos estamos referindo lêmos, além do estado florescente d'esta instituição, de que nos dá desenvolvida relação em suas contas, algumas considerações sobre a emigração e sobre as nossas escolas primarias, questão vital no nosso paiz, que são muito para attender e estudar, expostas com o alto criterio do illustre relator.

Todos os alvires que se apresentem para combater a emigração que ameaça a despovoar as nossas provincias do norte principalmente, devem ser ouvidos, tanto mais quando esses alvires são praticos e tendem a curtar a raiz do mal.

Na educação está tudo. É ella que prepara as gerações e despõe os espiritos para um determinado fim, e o que não conseguem leis repressivas, nem propagandas sorodias, consegue-o a escola em poucos annos educando os homens d'ama-nhã.

E' por este lado que o sr. Conde de Valençã encara a emigração, e o modo de a combater dizendo no seu relatorio:

«Senhores:— Dos que iam para diversas terras e cidades, acolhemos no anno decorrido 235 pobres. Mas, laçando olhos de ver sobre nossos dados estatisticos desde 1882, chegámos á conclusão de que ascende a 781 o numero dos forasteiros, que por aquelle motivo vieram pernoitar no Albergue.»

Em direcção ao Brazil, apenas recebemos 31 homens, 9 mulheres e 20 creanças; e de regresso d'aquella republica, doentes, ou por lá não encontrarem arrimo, 29 homens, 13 mulheres e 10 creanças: sendo que muitos mais foram e voltaram por igual causa, mas não se recolheram em nosso hospicio, inscientes, talvez, de que podiam alli ser recebidos. Todos chegaram de miseria, e as mulheres vinham de lá viúvas.

Taes informações, espelho do mais terrivel flagello, que victima o nosso paiz, completa-as o *Diario do Governo* de 12 de maio ultimo, publicando a synopse dos portuguezes, succumbidos na capital da America do Sul, em fevereiro proximo ido. Em tal mez, as febres — amarella, perniciosa e typhoide — haviam fulminado 596 portuguezes; d'elles 200 eram casados! O documen-

	1883	1884	1885	1886	1887	1888	1889	1890	1891	Tot.
Homens 1..	28	35	29	30	118	128	118	95	85	675
Mulheres..	9	8	4	5	18	6	21	18	17	106
Total.....	37	43	33	44	136	134	139	113	102	781

to official ignora por completo a naturalidade d'aquelles mortos.

Senhores: — Para aqui pedimos a vossa attenção.

Não havendo em Portugal excesso de trabalhadores, antes trinta mil hectares de terreno improductivo á mingua do labor agricola, e regiões saudaveis em nossa Africa; e, não havendo crescido excessivamente a população a ponto de ser necessario o descentralisar as forças activas; nem sendo o exodo dos emigrantes motivado pelo odio ás instituições politicas e sociaes; — qual é o porquê da emigração portugueza, que produz a deploravel consequencia de aniquilar o natural desenvolvimento do paiz? Porque é que de nós fogem homens, creanças, familias, a quem espreitam, de terrivel sobrececho, a desgraça ou a morte? Já o dissemos desde nosso primeiro relatório: — a causa principal, a unica, da emigração, é a ignorancia.

Os poderes publicos deveriam, e desde ha muito, criar um exercito desciplinado de professores de instrucção primaria, que nas suas escolas fizessem da emigração a pintura verdadeira, negra, triste e desconsoladora, que as cifras dos documentos officiaes nos confirmam; e os proprios parochos jámais deveriam ser melhorados em seo officio, sem que mostrassem ter feito, do pulpito ou á missa conventual, um certo numero de praticas contra a emigração, incomparavel desgraça, que nos leva o melhor sangue do paiz, deixando-nos sem productos, sem imposto e sem soldados! O documento que o *Diario do Governo* publicou em 12 de maio do corrente anno, rol dos portuguezes fallecidos em um só mez, no Rio de Janeiro deveria ser affixado nas egrejas de todas as freguezias do reino.

De Traz os-Montes, senhores, emigram familias e as casas estão fechadas, os lares extinctos. Do Minho emigram os moços; e os que não fogem para o Brazil, encontram-se em Lisboa engrossando a multidão dos operarios sem trabalho, emquanto que nas terras provincianas crescem os estevas, e prolongam os maninhos desertos!

Triste, triste, triste, como diria o sombrio personagem de Shakespeare!

Só ha contra isto um remedio: — a instrucção racionalmente organisada. O professor deve inculcar em seus alumnos não só o horror da emigração, mas crear-lhes a vontade de parcimonia no gostar; deve ensinal os a serem previdentes, poupados, contando com o dia de amanhã. Imaginemos uma geração — creanças e adultos — educada d'este modo, e logo se comprehende de que enormes valores accumulados um governo pôde dispôr em momentos de crise, appellando para as economias populares. Os grandes capitaes que a França pagou á Allemanha, depois da lucta á mão armada entre as duas nações, todos sahiram da *éparagne* do povo francez. Eshauriu-se o pé de meia; mas a França pagou facilmente a contribuição de guerra. Um outro não menor emprestimo lhe succedeu, e foi ainda o pequeno agricultor quem acudiu pressuroso a dar o seo dinheiro ao estado. Nas poderosas companhias de caminhos de ferro succede o mesmo; a maioria dos seus accionistas veem do povo.

Assim, a escola em Portugal, o primeiro e o melhor elemento de civilisação, tem de assentar em novas bases. O professor do nosso paiz não pôde limitar-se tão apenas ás obrigações de mestre de primeiras letras: — tem de ser um *educador*. É enorme por toda a parte a creação de caixas economicas e sociedades em participação; entre nós esse movimento estacionou, pois que, para todos até agora, a caixa economica tem sido o Brazil. Que o mestre de primeiras letras, auxiliado pelo parochio, seja um educador *economico*, eis a primeira urgencia para o restabelecimento da nação. Para aqui deveriam convergir as vontades, os sacrificios; e todas as receitas serão desaproveitadas, emquanto esta da instrucção do povo se não obtiver. Não se pôde mesmo fundar ou proteger industrias nacionaes, sem lhes dar o verdadeiro ponto de apoio: — a escola; e, organisada como acabamos de referir.

Por 1852, na França, o numero de *sociedades de soccorros mutuos* elevava-se a 2.655; e de seus associados era de 318.256, e os respectivos haveres attingiam 12 milhões de francos. Em 31 de dezembro de 1883 havia n'aquelle paiz 7.496 sociedades de soccorros mutuos com 1.199.841 associados, e o fundo local na importancia de 114.700.974 francos¹.

Em 1852, tinhamos nós, com estatutos approvados pelo Ministerio das Obras Publicas, ape-

nas uma associação de soccorros mutuos¹; no anno de 1883 — 312². Estes algarismos provam sem duvida, a mudança para melhor no caracter imprevidente do nosso povo, e tambem suas melhores circumstancias, pois que a inscripção n'uma sociedade de soccorros mutuos impõe-lhe o pagamento de uma quota constante, deduzida do salario annual. Ainda assim, taes associações, — cujo exemplo captámos, por ser a instituição a mais arraigada nos costumes portuguezes, ³ — não só não correspondem á população do paiz, mas até, sendo um seguro contra o risco da doença, acodem, na sua maior parte, a um accidente determinado. O principio da mutualidade, que ahi se encontra, não se ampliou por igual a outros institutos, já de previdencia. Já de credito, já de organização do trabalho. Pelo quê, fica de pé a nossa afirmativa: a urgencia da escola primaria racionalmente organisada.

Não desejamos que se façam maiores despezas; pedimos que se organisem melhor as escolas; e de maneira que o alumno ahi aprenda — que deve voltar á cultura do torrão nativo; — que deve fundar caixas economicas, para que a velhice não seja um onus da familia ou da caridade publica: — que deve pertencer ás associações de soccorros mutuos para que a doença ou os incidentes da vida lhe não exgotem os recursos vindouros; — que deve, quando homem, crear sociedades cooperativas de consumo e producção (e antes aquellas do que estas) para obter barato as coisas de primeira necessidade: — e finalmente, que deve fundar associações com a partilha de lucros para adquirir, consoante a propria actividade e economia, os capitaes, unicos e primeiros agentes da civilisação.

Conde de Valenças.



REVISTA POLITICA

A reforma da policia tem sido o prato obrigado de todos os artigos de fundo, um prato um pouco de sobre posse, como o *Amigo Banana* que em tendo a barriga cheia, já não tinha vontade nenhuma, porque a verdade é que a reforma não se sabe se é boa ou se é má, parecendo mesmo ter muito mais qualidades boas do que defeitos, consistindo tudo unicamente na qualidade dos homens que tenham de a pôr em pratica, de a observar e cumprir, homens serios, de antes quebrar do que torcer, qualidade esta que nos parece só se poderá encontrar hoje nas olarias, de bom barro, fragil é verdade, porque de carne e osso com estomago e tripas, não é empreza facil encontrar-os que se não torçam, em obdiencia á influencia dos tempos e ás exigencias do referido estomago e tripas.

A maior campanha levantada contra a reforma da policia, tem sido pelas folhas republicanas, convergindo sobre a faculdade que esta reforma confere ao chefe da policia judiciaria, ou juiz da instrucção, de prender, sem culpa formada, qualquer cidadão sobre que recabiam suspeitas e poder conservar-o preso por oito dias e incommunicavel por tres, podendo esta detenção e incommunicabilidade prolongar-se por mais tempo se assim fór preciso ás averiguações da policia, devendo o mesmo juiz fundamentar com justo motivo a continuação da prisão.

Isto que é de todos os codigos e que não ha meio de evitar, sob pena de se deixar de prender um grande numero de criminosos, que só depois de presos e de demorados interrogatorios e inquirição de testemunhas é que se lhes forma a culpa, tem sido o cavallo de batalha dos republicanos contra a reforma.

Parece que aos bons cidadãos, pacatos, amantes da ordem e respeitadores da propriedade, não incomoda nada aquella disposição da lei, tanto mais n'este grande *Pinhall d'Azambuja* em que vivemos cercados de pequenos *Panamás* por todos os lados, que estão reclamando a intervenção da policia, como a instituição mais necessaria hoje no nosso paiz.

Hontem eram os roubos nos bancos do Povo, no Luzitano e na administração dos caminhos de ferro; depois os das juntas geraes dos districtos e recebedorias, no Porto, em Evora, etc. Hoje é nas repartições do correio, onde principiaram a revelar-se nos pequenos ratos que roubavam cartas

¹ Decreto de 29 de setembro de 1852.

² Veja-se a *Relação*, publicadã em 1891 pela Direcção Geral do Commercio e Industria, das associações dos soccorros mutuos, cujos estatutos foram approvados desde 29 de setembro até 2 de março de 1891.

³ Traz a sua origem dos antigos *compromissos* da idade-media.

com valores até ás mais recentes descobertas de grandes ratazanas, que muito matreiramente iam roendo sellos e candongando nas ambulancias.

Amanhã talvez o acaso premita que se descubram alguns roedores do imposto do sello, como faz prever as contas da venda de papel sellado do anno 1891-1892 a que nos referimos na nossa revista do n.º 521.

E assim por diante porque, sem preoccupações de pessimistas ha muito quem pense que as delapidações dos rendimentos do Estado não param aqui.

Seguimos tanto as modas de França que não nos contentamos de vestir á franceza, de comer á franceza, de fallarmos e escrevermos francez, de termos *coquets e champagne*, tambem queremos ter *Panamás*, mas como as nossas posses não chegam para um *Panamá* grande, vamos maaqueando com *Panamás* pequeninos, para de alguma fórma não fazermos má figura.

E o caso é que a moda vae alastrando-se de tal maneira, que dentro em pouco deixará de ter novidade passando ao rol das banalidades, das coisas trevias, que entram nos usos e costumes, sem causar estranheza nem surpresa.

Emquanto não choga esse estado perfeito, vão se nomeando syndicancias para syndicar d'esta ou d'aquella repartição do Estado e só estamos á espera do dia em que se tornarem impossiveis as syndicancias pela simples razão de já não haverem syndicantes possiveis de nomear.

Então estará tudo syndicado por sua natureza, até á bolsa dos bons cidadãos portuguezes, d'onde os syndicados terão roubado os ultimos reaes.

E estamos convencidos que chegará esse dia, se os governos não procederem com a justiça e rigor que lhes corre, castigando exemplarmente os ladrones, para que a impunidade não seja incentivo á continuação d'estas ladroeiras, ultima phase de uma sociedade que se dissolve.

Vale bem a pena pedir sacrificios ao contribuinte para serem tão bem administrados. Vale a pena retirar aos vendedores de sellos a exigua commissão de um por cento que tinham por esse serviço, em que quasi sempre ficam prejudicados, para que no correio se commettam roubos de dezenas de contos. Vale a pena diminuir o pessoal dos correios com prejuizo do serviço do publico, para fazer economias, quando o publico paga esses serviços directamente e com largueza, sendo um grave erro dos nossos governos quererem tirar proventos para o thesouro, do rendimento do correio, como se esse rendimento fosse o imposto, em vez de ser o serviço do publico que elle paga e tem o direito de exigir se faça o melhor possível.

E já não temos espaço para fallar d'outros assumptos, entre os quaes figura a revolução do Rio de Janeiro, que n'este momento está prendendo as atensões pela muita ligação que ella tem com os interesses economicos do nosso paiz.

Que os republicanos de cá se revejam n'aquelle espelho, e nos digam se o mal está nas instituições ou nos homens.

João Verdades.



NOVIDADES DA SCIENCIA

O HOMEM-VAPOR. — A longa galeria de machinas, desde a primordial alavanca até ao mais complicado mecanismo, veiu juntar-se uma machina locomotora, cuja forma externa é a de um homem; a força empregada é a tensão do vapor d'agua; d'aqui, pois, o chamar se o novo aparelho: o *homem-vapor*.

Este invento, esta applicação scientifica, é trabalho d'um professor americano, M. Moore, do Canadá. Imaginou-o e, fez mais, construiu-o. O *homem-vapor* é um automato, todo de ferro, que caminha, quasi como uma pessoa viva, e, que se destina ao transporte de carros com fardos pesados.

Uma das nossas gravuras, representa um corte vertical da curiosa machina. Para mais facil comprehensão descrevel a-hemos rapidamente.

Externamente o *homem vapor* tem o aspecto de um antigo cavalleiro armado de ponto em branco e com um morrião emplumado, este capacete é vistossissimo pelo seu penacho. Existe aqui uma anomalia interessante: o cavalleiro, representante dos antigos tempos mediavaes, fuma um charuto e do cimo do capacete levantam-se densos rolos de fumo que se confundem com as plumas do penacho. No lado esquerdo do pescoço vê-se um disco muniço de uma agulha, especte de relógio muito parecido com um monometro. Uma outra

¹ Comte d'Haussonville, *Miseres et Remedies*, pag. 414.

cousa interessante: as esporas são recurvadas para baixo de modo que a ponta crava-se no sólo cada vez que o pé n'elle se apoia.

Claramente se comprehende o modo de funcionar do mechanismo, abrindo-o pela frente, pois que, a couraça é formada como que de duas portas que gyram n'uns pequenos gonços, para qualquer lado. O peito é occupado quasi completamente pela caldeira, cuja agua é levada á ebullição por meio de uma especie de fogão ou lampada de petroleo, collocada na parte inferior, e cuja chamma, obrigada a atravessar um grande numero de tubos aquece uniformemente toda a massa d'agua. O fumo sae pela cheminé que passa pelo cimo do capacete.

O vapor que se vae produzindo é levado por um tubo até á machina, situada por baixo da caldeira. Esta machina, muito pequena, mas de grande velocidade, move-se á razão de trezentas voltas por minuto e produz uma força de meio cavallo de vapor.

Esta velocidade consideravel é depois reduzida, devido a um systema de engrenagem, bastante simples, de modo a dar ao automato, o andamento conveniente. Depois, o vapor, é conduzido por um tubo especial até ao nariz do *homem vapor*, por onde sae para a atmosphera.

O primeiro movimento da machina, é o de rotação, que, em seguida, é transformado por meio de um excentrico e d'uma ordem de alavancas com movimento de vae-vem, que permitem aos membros curvarem se e distenderem-se, simulando, d'esta maneira, o caminhar humano.

As esporas, collocadas nos calcanhares, permitem obter os pontos de apoio necessarios para a marcha progressiva do automato.

Tal, como no estado, em que acabamos de descrever, está o *homem vapor* ligado por uma haste horizontal a um eixo vertical central. Assim seguro, o automato, percorre o terreno, com um andamento bastante rapido.

Este novo apparelho, segundo, as ideias, do inventor, poderá percorrer as ruas puxando um carro, a nossa segunda gravura representa o automato, e o modo como serão collocados os varaes. O auctor trabalha n'elle ha cerca de oito annos e espera, em breve, pol-o a funcionar, transportando pelas ruas um carro com dez musicos, dentro. Um outro automato que, o professor americano, já acabou, é muito mais pequeno do que este tem dois metros de altura, e é capaz de resistir ao esforço de dois homens que se oppoñham ao seu caminhar

E n'este seculo, em que as phantasias, as mais utopicas vão indo em solução, taes como os submarinos, Peral em Hespanha, e Fontes em Portugal, tambem a America nos dará, a par do *telegrapho*, do *phonographo*, do *micrometro* e tantos outros inventos, quasi sublimes, sonhados por algum sabio phantasiador, o *homem vapor*, maravilha de trabalho mechanico e realisação d'uma ideia de Julio Verne, que imaginara a *casa vapor* puxada por um elephant automato.

LOCOMOTIVAS AQUECIDAS A PETROLEO. — Não é sómente a machina do *homem vapor* que acima descrevemos, a que é aquecida a petroleo. O uso do petroleo para o aquecimento das locomotivas espalha-se cada vez mais tanto na America do Norte como na do Sul. E' assim que uma das locomotivas Abt, do caminho de ferro Pike's Peak (Colorado) é aquecida a petroleo. Uma applicação bastante recente se acaba de fazer no caminho de ferro d'Oroya (Perú); a locomotiva transformada está munida d'uma fornalha com uma grelha superior por cima da qual entra o ar fresco para se misturar, sahindo em forma de chuva muito fina, d'um pulverisador.

NOVO APPARELHO DE SALVAÇÃO EM CASO DE INCENDIO. — Depois das escadas, e das mangueiras de salvação parecia que os meios empregados para salvarem as pessoas em caso de incendio, estavam limitados pela invenção de tão humanitarios apparelhos.

Este novo apparelho, de origem belga, é relativamente pequeno, facil de manejar e não está sujeito a desarranjo, permite a uma ou duas pessoas o descender dos andares ainda os mais altos, socegradamente e sem choque. O principio applicado aqui é a moderação da velocidade pela propria velocidade, graças á utilização da força centrifuga; o peso da pessoa que se abandona no vacuo actua em sentido inverso da marcha, um moitão supportando duas ou tres rodas que, pela força centrifuga tendem a applicar-se, com as extremidades livres, contra a parede interior de um tambor. Estas rodas estão munidas de peças de

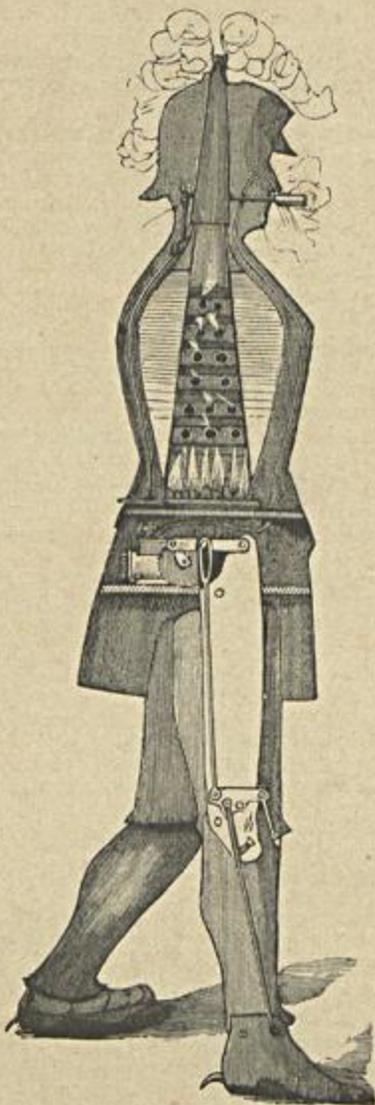


FIG. 1

fricção formando regulador da velocidade da descida. Este pára-queda com a fórmula de um disco munido na extremidade superior com um anel permite transportar o e de o pendurar ou quer



FIG. 2

que seja necessario. A extremidade superior é terminada por um pequeno cône de cujo vertice sae lentamente a corda que se desenrola fazendo girar as pequenas rodas. Uma manivella, ha que serve para enrolar de novo o cabo no tambór.

Esta manivella foi construida de maneira que fica immovel durante a descida e mantida no seu logar por uma roda especial. Não pôde girar se-

não n'um dado sentido; d'esta fórmula a pessoa que quer subir a corda não pôde girar em sentido inverso e perder um tempo precioso

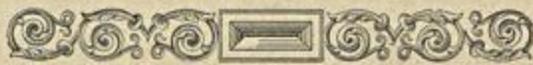
Por outro lado, este apparelho foi concebido de maneira tal que cousa alguma podesse entrar o bom funcionamento mesmo quando elle tenha permanecido por muito tempo sem uzo.

Este pára-queda parece dever prestar grandes serviços, mesmo ás pequenas familias e especialmente aquellas que habitam as aguas-furtadas pois que são muitas vezes as mais expostas em razão da sua distancia ao chão.

Que cada proprietario tenha um ou dois apparelhos semelhantes pendurados bem á vista no cimo das escadas e estamos persuadido que muitas mães de familia dormirão mais tranquillias pensando que em caso de sinistro a saude dos filhos e a sua estão asseguradas.

PHOTOGRAPHIA. — Uma novidade que nos dá o boletim da *Sociedade Franceza de Photographia* é que os srs. A. e L. Lumière se propõem a estudar se os saes cobalticos podem ser reduzidos pela luz ao estado de saes cobalticos, como os saes ferricos e manganicos no estado de saes ferrosos e manganosos e se esta reductibilidade pode servir de base á instituição d'um processo photographico. As imagens a saes de *clat* não podem ser reveladas e fixadas senão pelos reagentes seguintes: 1.º a hematoxolyna, que dá uma prova azul violaceo, virando a vermelho pelo acido chlorhydrico; o segundo, a benzilina, a tollidina e seus chlorhydratos que, oxidados pelo sal cobaltico nos pontos negros reduzidos pela luz dão variantes de azul intenso que o ammoniaco vira para o castanho e o acido chlorhydrico para o amarelo claro.

E. P.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos.

Carta de El-Rei D. Manuel ao Rei Catholico narraudo-lhe as viagens portuguezas á India desde 1500 até 1505. Reimpressa sobre o prototypo romano de 1505, vertida em linguagem e annotada por Prospero Peragallo — Seguem em appendice a *Relação analogica de Lunardo Cha Masser e dois documentos de Cantino e Pasqualigo* Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1892

D'este documento importantissimo, que foi a primeira noticia que se imprimiu dos successos portuguezes na India, apenas existem tres exemplares: um na *Morsiana* de Veneza, outro, que segundo informa Varnhagem, se encontra na *Bibliotheca Corsini* de Florença, e o terceiro que Gallardo menciona entre os livros da *Bibliotheca Columbiana*, adquiridos por Fernando Colombo. Esta circumstancia é sufficiente para reconhecer a importancia da versão feita agora pelo sr. Prospero Peragallo e destinada a figurar entre as obras enviadas á exposição Historico-Europea, pela Comissão Columbina Portugueza.

A provada competencia do reverendo padre sr. Prospero Peragallo, em tantos outros trabalhos litterarios, affirmou-se mais uma vez, na versão que acaba de fazer, com que prestou um bom serviço ás letras e historia portuguezas.

Não menos importantes, como documentos historicos são: *Relazione de Lunardo do Chá Masser e Cartas de Alberto Cantino e de Pietro Pascualigo*, que vem em appendice. Estes documentos tem relação com as descobertas dos portuguezes nos seculos xv e xvi, dando noticia da viagem de Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, João da Nova, Francisco d'Albuquerque, I.opo Soares, Dom Francisco d'Almada, Tristão da Cunha e Gaspar Corte Real.

Ao seu auctor agradecemos a amabilidade da offerenda.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1894

Está quasi a concluir a impressão d'este almanach.

Recebem-se annuncios até 31 d'este mez, na

Empreza do OCCIDENTE

L. do Poço Novo—Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Adolpho. Modesto & C.ª, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 a 39